Pública

ISSN: 2358-8829

ESCALADA SEBRAE: UM ESTUDO PARA DIFUSÃO DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA EDUCAÇÃO FORMAL

Paulo Vinícius V. Ventura[1]

INTRODUÇÃO

A expansão de plataformas digitais e metodologias ativas ampliou as possibilidades de participação em ações de educação empreendedora. Entretanto, indicadores de acesso, engajamento ou conclusão não permitem compreender, isoladamente, o que permanece de uma experiência quando termina a ação institucional. O problema desta investigação é compreender como experiências educativas empreendedoras continuam produzindo sentidos e sendo mobilizadas em situações posteriores, para além da permanência do participante em um ambiente digital.

O estudo toma como caso empírico a Jornada Escalada, vinculada ao Programa Educação que Transforma, do Sebrae Nacional, que articula conteúdos digitais, atividades formativas, interações comunitárias e experiências presenciais. A questão orientadora consiste em compreender como se constituem os processos de apropriação das experiências vividas pelos participantes e de que maneira contribuem para a permanência dos sentidos produzidos após o encerramento da ação educativa.

O objetivo geral é analisar esses processos de apropriação, considerando as mediações socioculturais e a continuidade da experiência. Especificamente, busca-se caracterizar a Jornada como contexto empírico, interpretar evidências produzidas por estudantes e professores e discutir as relações entre apropriação, mediação e continuidade. Não se pretende medir a eficácia institucional do programa nem estabelecer relações causais entre participação e mudanças posteriores.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dewey (2011) compreende a experiência educativa a partir dos princípios de continuidade e interação: uma vivência não é educativa apenas porque ocorreu, mas pelas condições que cria para experiências posteriores. A permanência, portanto, não equivale à lembrança integral de uma atividade. Refere-se à possibilidade de o vivido modificar

[1] [1] Graduado pelo Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Inovação em Comunicação e Economia Criativa, paulovvv@gmail..com

ISSN: 2358-8829

disposições, interpretações e modos de agir em novas situações. Essa perspectiva permite deslocar a análise do acontecimento formativo para seus desdobramentos.

Charlot (2020) amplia esse entendimento ao situar a aprendizagem nas relações do sujeito com o saber, consigo mesmo, com os outros e com o mundo. O sentido da experiência não reside exclusivamente no conteúdo oferecido: constitui-se na relação entre a proposta educativa e as trajetórias dos participantes. Freire (2019), por sua vez, destaca a dimensão dialógica da educação e a produção crítica de sentidos sobre a realidade, permitindo compreender a apropriação como processo ativo, e não como recepção de informações.

Na Comunicação, Martín-Barbero (2015) propõe deslocar a análise dos meios para as mediações, evidenciando que conteúdos e tecnologias não determinam, por si, os sentidos produzidos. Repertórios culturais, relações escolares, familiares e territoriais atravessam a interpretação do vivido. Assim, a Jornada Escalada é considerada uma experiência simultaneamente pedagógica e comunicacional, cuja continuidade pode ocorrer também fora da plataforma. A articulação desses referenciais não busca produzir uma teoria única, mas iluminar dimensões distintas de um mesmo fenômeno.

METODOLOGIA

A investigação adota abordagem qualitativa e interpretativa, estruturada como estudo de caso único (Yin, 2015). A Jornada Escalada constitui o caso empírico, enquanto os processos de apropriação das experiências educativas empreendedoras configuram a unidade de análise. O corpus articula documentos institucionais, registros produzidos pelos participantes, entrevistas com estudantes e professores, observação participante e indicadores da plataforma digital. Essas fontes são confrontadas por triangulação, buscando identificar convergências, tensões e diferenças entre o planejado, o registrado e o narrado.

A análise considera evidências produzidas antes, durante e depois das atividades formativas, com atenção às experiências dos participantes que percorreram integralmente a Jornada. Os indicadores digitais são tratados como registros de comportamentos observáveis, não como prova autônoma de aprendizagem ou permanência. Entrevistas e narrativas são interpretadas à luz das trajetórias e dos contextos dos sujeitos. Por se tratar de um caso único e de um corpus com maior visibilidade de participantes envolvidos na iniciativa, não se propõe generalização estatística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

A análise identificou que os participantes não conservaram a Jornada como um conjunto intacto de conteúdos e atividades. Em vez disso, selecionaram elementos da experiência, atribuíram-lhes sentidos próprios e os reinscreveram em relações escolares, familiares, comunitárias e em projetos de futuro. Essa constatação sustenta a categoria analítica de apropriação das experiências educativas empreendedoras: o vivido permanece quando passa a integrar, de maneira transformada, os repertórios e as práticas dos sujeitos.

As entrevistas evidenciam deslocamentos na percepção de si e das próprias possibilidades. Relatos de estudantes relacionam a participação à revisão de inseguranças, ao reconhecimento de capacidades e à reconsideração de trajetórias escolares e territoriais. Tais mudanças não são atribuídas de modo automático à plataforma ou à metodologia. Elas emergem em sequências de interações, oportunidades e interpretações, coerentemente com o princípio de continuidade de Dewey e com a relação com o saber descrita por Charlot.

As mediações constituem uma segunda dimensão dos resultados. Professores, colegas, famílias, contextos territoriais e espaços de troca interferiram na maneira como conteúdos e desafios foram vividos. A mesma proposta pôde adquirir sentidos diferentes conforme as condições de acesso, as expectativas e os vínculos estabelecidos. A comunidade digital também funcionou como espaço de narrativa e reconhecimento: publicar, comentar ou compartilhar experiências pôde favorecer a reelaboração do vivido, sem que toda interação registrada correspondesse necessariamente a apropriação educativa.

Uma terceira dimensão é a continuidade, compreendida não como repetição ou conservação, mas como retomada transformada de elementos da experiência em novas circunstâncias. O estudo distingue rastro digital de vestígio de permanência educativa. Acesso, reação, postagem ou conclusão de trilha são rastros relevantes para a gestão, porém somente se tornam indícios de permanência quando articulados a evidências de reconstrução de sentidos e mobilização posterior. De modo inverso, a ausência de novos acessos não demonstra que a experiência deixou de produzir efeitos nas trajetórias dos participantes.

Os achados apontam para uma dinâmica recursiva e não linear entre apropriação, mediação e continuidade. Os participantes interpretam o vivido por meio de relações sociais; ao narrá-lo, podem reelaborar sua compreensão; e, ao mobilizá-lo em situações posteriores, transformam novamente seu sentido. As condições institucionais e tecnológicas influenciam esse movimento, mas não o determinam. Também se observam limites e tensões, como desigualdades de acesso a oportunidades mais intensas e dificuldades para sustentar mediações individualizadas em iniciativas de maior escala.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa indica que a permanência das experiências educativas empreendedoras se constitui na articulação entre apropriação, mediação e continuidade. Aquilo que permanece é seletivo, transformável, relacional e situado no tempo: não se conserva a experiência inteira, mas determinados elementos que passam a participar de outras experiências. O caso analisado mostra, assim, que o valor educativo de uma jornada não pode ser reduzido ao número de acessos, à conclusão de atividades ou ao desenvolvimento imediatamente mensurável de competências.

A contribuição central é propor uma chave interpretativa para investigar o que acontece com o vivido depois do encerramento das ações formais. Os resultados não autorizam inferências causais nem generalizações para todos os participantes. Investigações futuras podem acompanhar grupos com diferentes níveis de envolvimento, explorar situações de não participação e examinar condições em que experiências deixam de ser mobilizadas. Para iniciativas híbridas, recomenda-se complementar métricas operacionais com escuta e análise contextualizada das trajetórias dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação empreendedora; Experiência educativa; Apropriação; Mediações; Continuidade.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2020.

DEWEY, John. Experiência e educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.